



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9028 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Do esquerdo-macho ao gay intelectualizado: sentidos das masculinidades no ativismo jovem estudantil

Leandro Teófilo de Brito - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Do esquerdo-macho ao *gay* intelectualizado: sentidos das masculinidades no ativismo jovem estudantil

Resumo: Esta pesquisa buscou discutir a participação política de jovens estudantes-ativistas que se identificavam com o gênero masculino nos grêmios e coletivos do Colégio Pedro II. Para isso, mobilizaram-se as teorizações de Jacques Derrida, Judith Butler, Sirma Bilge e Ernesto Laclau. Foram produzidas entrevistas coletivas com estudantes-ativistas de dois *campi* do colégio pelos princípios de Leonor Arfuch; entre os resultados, constatou-se a multiplicidade nas performatizações das masculinidades desses jovens estudantes-ativistas em suas experiências de participação política, denotando as complexas disputas de sentidos que as masculinidades são significadas no social contemporâneo, sobretudo pelas afetações nas intersecções de classe social, raça e orientação sexual.

Palavras-chave: Masculinidades; Juventude; Ativismo estudantil

Ainda que a recorrente enunciação do desinteresse juvenil pela política na contemporaneidade circule com força na sociedade, mobilizações públicas com a participação de jovens estudantes têm desafiado e contestado essas afirmações, como as jornadas de junho de 2013 e as ocupações na rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro, em 2016, esta última com bastante força no atravessamento de questões de gênero e sexualidade (LEITE, 2017).

Nesse contexto, destaca-se o ativismo estudantil que ocorre no Colégio Pedro II, instituição federal localizada no Estado do Rio de Janeiro e reconhecida por favorecer e estimular uma formação política de destaque na educação básica. A organização política dos estudantes do Colégio Pedro II favorece uma formação crítica e reflexiva diferenciada, possibilitando o reconhecimento de demandas emergenciais e contemporâneas da sociedade quando comparada a outras instituições de ensino em que se produzem engajamentos políticos estudantis. Para exemplificar tal afirmação, a mobilização nomeada como *saiato* [\[1\]](#) trouxe mudanças significativas na instituição no que concerne a lutas feministas e LGBTI+ estudantis. Essa mobilização ocorreu quando, no *campus* São Cristóvão 3, em 2014, um estudante usou uma saia para ir ao colégio e foi interpelado pela direção a retirá-la, pois a única opção até então de uniforme para os meninos seria calça. Saindo em defesa do colega,

outros estudantes, dias depois, mobilizaram um *saiato* (saia + ato), com destaque para os meninos, que foram à escola vestindo saia. O *saiato* foi um acontecimento importante na instituição, marcando a criação e o desenvolvimento de coletivos estudantis feministas e LGBTI+ em seus diferentes *campi*, assim como a publicação da portaria[2] que extinguiu a divisão por gênero no uniforme escolar.

Foi realizada no Colégio Pedro II, em 2019, uma pesquisa ampla que focalizou o ativismo estudantil e o atravessamento das questões de gênero e sexualidade na instituição. Dessa pesquisa derivou um projeto de pós-doutorado que buscou discutir a participação política de jovens estudantes-ativistas que se identificavam com o gênero masculino nos grêmios e coletivos do Colégio Pedro II. Destaco algumas questões que orientaram esta focalização de pesquisa: como o ativismo estudantil no Colégio Pedro II afeta os sentidos das masculinidades circulantes na instituição? Como afeta os estudantes-ativistas no tocante à significação das masculinidades? Quais são as especificidades das questões das masculinidades no que se refere à identificação etária dos estudantes? Os coletivos feministas abrem a participação e a parceria de estudantes que se identificam com o gênero masculino em suas demandas e pautas? Os coletivos LGBTI+ abrem a participação e a parceria de estudantes que se identificam com o gênero masculino e a orientação heterossexual em suas demandas e pautas?

Para problematizar as questões das masculinidades no ativismo estudantil, bem como a intersecção das categorias masculinidade e juventude, além do atravessamento de outros marcadores da diferença como raça, classe social e orientação sexual, busco a fundamentação numa perspectiva teórico-política pós-estruturalista de matriz pós-fundacional. As teorizações de Derrida (1991), Butler (2009; 2019), Bilge (2020) e Laclau e Mouffe (2014) acerca de processos sociais de significação e identificação permitiram a construção de princípios e operadores de pesquisa numa perspectiva da diferença.

Reconhecendo os efeitos da linguagem na constituição de realidades e dos sentidos sociais que circulam na sociedade contemporânea, Derrida (1991) e Butler (2009) postulam a linguagem textual e falada como performativa, isto é, a capacidade da linguagem de produzir efeitos de realidade e assim participar das construções de sentidos sociais em circulação na sociedade. O autor e a autora articulam à teorização da performatividade a noção de iterabilidade, que diz respeito aos sentidos sociais, que, ao serem repetidos, não se processam em plenitude (DERRIDA, 1991; BUTLER, 2009), pois, ainda que haja a tentativa de estabilizar as significações da norma reiteradas pela linguagem, a alteridade, os jogos de poder e as contingências de nossas múltiplas experiências ressignificam os espaços-tempos dessa repetição.

Por essa articulação epistemológica, Butler (2019) entende o gênero como performativo, ou seja, o gênero não é uma identidade estável na qual diferentes ações acontecem, mas uma identidade tenuamente constituída no tempo, por meio da repetição estilizada de falas, atos e gestos instituídos por uma matriz heterossexual e pela suposta coerência sexo-gênero-desejo. Pensar as masculinidades por essa teorização significa reconhecer os disputados processos de identificação do masculino performatizados nos diversos contextos sociais, que se opõem a qualquer essencialização da identidade pela permanente repetição/deslocamento de sentidos, já que participa das disputas por significações na ordem social. Apostar em performatizações das masculinidades significa assumir um movimento contínuo de adiamento de alguma estabilização definitiva dos processos de identificação e significação para interpretação dos sentidos do masculino.

Nessa direção, a teorização da masculinidade hegemônica de Connell (2003) é ressignificada ao ser interpretada pelos estudos pós-estruturalistas de matriz pós-fundacional.

Trago o pensamento de Laclau e Mouffe (2015), que aposta numa superfície discursiva como (re)leitura do conceito de hegemonia, defendendo a existência de fundamentos parciais e contingentes, marcados por instabilidades de sentidos para leitura do social contemporâneo. A hegemonia é um processo contingente e precário no qual um particular assume temporariamente a representação de uma totalidade ou determinado sentido de verdade. A realidade social é tida como um campo discursivo em que o social consiste no jogo infinito de diferenças, ou seja, é um espaço no qual as identidades lutam agonicamente para conseguir se estabelecer. Quando uma dessas identificações consegue fixar-se, emergem outras articulações discursivas que a desestabilizam, num jogo de infinitas disputas antagônicas que constituem o social (LACLAU; MOUFFE, 2015).

Nessa proposição discursiva de hegemonia, uma masculinidade para se hegemonizar necessitaria representar sentidos antagônicos advindos de outras masculinidades, por meio de relações de diferença e equivalência, buscando que uma particularidade entre esses sentidos assumisse uma representação de universalidade, que seria provisória, contingente e reversível, pois participaria desse jogo de disputas que para Laclau e Mouffe (2015) é infindável na ordem social. O pensamento pós-fundacional destaca as disputas nos processos de estabilização e deslocamento das masculinidades na contemporaneidade, que se mostram potentes para as análises que serão discutidas na pesquisa em questão.

Por esse mesmo caminho, assim como Judith Butler contestou o binarismo masculino/feminino pelo argumento antiessencialista de reconhecer a capacidade e o poder da linguagem de produzir efeitos de realidade, a noção de performatividade se mostra potente na contraposição ao adultocentrismo que permeia os processos de identificação e significação da juventude na sociedade (LEITE, 2017). A identificação da juventude como performativa permite contestar atribuições naturalizadas – como irresponsável, hedonista e alienado – comumente repetidas em enunciações direcionadas ao sujeito jovem na sociedade e que corrobora o discurso do senso comum de desengajamento político dessa identificação em variadas esferas da sociedade.

A intersecção das identificações da masculinidade e da juventude no contexto do ativismo estudantil será discutida pela proposição da abordagem interseccional. Reconhecendo que não se trata de um mero somatório de opressões, mas de uma abordagem integrada que articula categorizações da diferença que emergem e interpelam os relatos dos sujeitos, a interseccionalidade se mostra uma abordagem analítico-política potente para problematização de diferentes atravessamentos identitários em redes de poder e suas complexidades na produção da diferença e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2020).

Foram produzidas narrativas, por meio de entrevistas coletivas, com jovens estudantes-ativistas de dois *campi* do Colégio Pedro II: Niterói (ensino médio) e São Cristóvão 2 e 3 (segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio, respectivamente) entre os meses de setembro e dezembro de 2019. Cada entrevista coletiva teve a participação de meninos e meninas integrantes dos grêmios e/ou dos coletivos. Para a produção das narrativas, foram considerados os princípios de Arfuch (2010), que concebe as narrativas por uma proposta dialógica e alteritária, fundamentada por uma teoria de sujeito que considere seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel advindo das múltiplas vozes dos sujeitos.

Entre os resultados, constatou-se que os grêmios dos dois *campi* pesquisados tinham como destaque a organização e o protagonismo das meninas frente aos meninos em suas diversas ações, o que se refletiu no quantitativo de meninos estudantes-ativistas nas entrevistas: foram quatro. O campus de Niterói possuía, além do grêmio, coletivos feministas e LGBTI+

também organizados e protagonizados pelas meninas estudantes. Os *campi* São Cristóvão, no período da pesquisa, estavam com os coletivos feminista e LGBTI+ em início de recomposição, após um período sem atividades.

No *campus* São Cristóvão 2, o único menino estudante-ativista participante da entrevista coletiva narrou a importância do apoio às demandas feministas, LGBTI+ e raciais que emergiam no colégio, mesmo sendo um sujeito que se identificava como branco e heterossexual. Este estudante-ativista também marcava sua identificação como um sujeito advindo das classes populares. O jovem reiterou em sua narrativa que não concordava com posições essencialistas da militância de maneira geral, que coloca o lugar de fala como um entrave às lutas coletivas dos diferentes movimentos. Na entrevista do *campus* São Cristóvão 3, os dois estudantes-ativistas participantes das entrevistas destacaram as poucas ações políticas relacionadas às questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar, que para o grêmio, de maneira geral, eram secundárias em relação às demandas de classe social. Um dos estudantes-ativistas, que se identificava como homossexual e negro, apontou sua participação num coletivo negro do colégio e a tentativa sem sucesso de aproximação do coletivo LGBTI+, em razão de seu interesse maior nas questões raciais. O outro estudante-ativista presente na entrevista, também autoidentificado como homossexual, destacou sua insatisfação com posições feministas radicais que não concebem o diálogo e parceria com os homens em suas lutas, além do afastamento de amizades com outros estudantes *gays* do colégio pela não politização desses jovens. Em sua narrativa, o estudante também relatou se dedicar aos estudos marxistas em um projeto de iniciação científica no colégio, o que o fazia se afastar das discussões teóricas sobre gênero e sexualidade.

O único menino estudante-ativista do *campus* Niterói presente nas entrevistas coletivas destacou sua atuação no coletivo LGBTI+, pois identificava-se como bissexual, e relatou uma situação de ataque de ódio nas redes sociais após participação em um evento no colégio em que divulgava o coletivo. O jovem relatou ter feito uma intervenção montado como *drag queen* no evento escolar que reuniu os estudantes que ingressaram no ano letivo de 2019 e seus responsáveis, além da comunidade escolar. Nos meses subsequentes ao evento, ocorreu a viralização, em grupos políticos de direita, do vídeo em que estava montado na escola, desencadeando uma série de ataques a ele e à escola. Nesse episódio, ele relatou o apoio dos colegas, sobretudo de meninos que se identificavam como heterossexuais, criando nele forte senso de pertencimento e identificação como estudante do Colégio Pedro II e a abertura de novas possibilidades de se relacionar com esses meninos, por meio das relações de alteridade construídas ali.

Desse modo, reconhece-se a multiplicidade nas performatizações das masculinidades desses jovens estudantes-ativistas em suas experiências de participação política no colégio, denotando as complexas disputas de sentidos que as masculinidades são significadas no social contemporâneo, sobretudo pelas afetações nas intersecções de classe social, raça e orientação sexual. Acredita-se que essas hegemonizações parciais e contingentes das masculinidades entre os jovens estudantes-ativistas do Colégio Pedro II podem trabalhar para a ressignificação de modos outros de ser homem, como um horizonte por vir nas lutas a favor da igualdade e da equidade de gênero, favorecida por essa abertura à participação política na escola.

## Referências

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BILGE, S. Panoramas recentes do feminismo na interseccionalidade. *Escritas do Tempo*, Marabá, v. 2, n. 6, p. 238-256, 2020.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 213- 230.

CONNELL, R. *Masculinidades*. México: UNAM-PUEG, 2003.

DERRIDA, J. *Limited inc*. Campinas: Papirus, 1991.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemonia e estratégia socialista*. São Paulo: Intermeios, 2015.

LEITE, M. S. No “Colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. *ETD: Educação Temática Digital*, Campinas, v. 19, p. 23-47, jan./mar. 2017.

---

[1] “Estudantes de colégio tradicional do Rio protestam a favor de aluno que foi à aula de saia”. Disponível em: <https://bit.ly/3fBdUqA>. Acesso em: 25 maio 2021.

[2] A portaria está disponível em: <https://bit.ly/34xW01A>. Acesso em: 30 maio 2021.